



A AUSÊNCIA DE TEMAS RELACIONADOS A RAÇA E GÊNERO NUMA ESCOLA DO DISTRITO FEDERAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Vilma de Souza Lopes

RESUMO: O presente artigo trata-se de um relato sobre a experiência de observação/regência em sala de aula com alunos dos 1ºs e 2ºs anos do Ensino Médio de uma escola pública localizada em Brasília – DF. A proposta é verificar se e de quais formas são abordados temas como raça e gênero no contexto escolar, mais especificamente nas aulas de História. A experiência faz parte do desenvolvimento de dois projetos, Projeto Mbopyau: ensinando histórias do possível e Projeto Sankofa: outros olhares sobre a história nas escolas, desenvolvidos pelos Professores Doutores Susane Rodrigues de Oliveira e Anderson Ribeiro Oliva, ambos coordenadores do Laboratório de Ensino de História (LABEH), da Universidade de Brasília (UnB). É empregado o método da pesquisa-ação, com o objetivo de problematização e transformação dos saberes históricos a partir de uma perspectiva desconolial, antirracista e antissexista.

PALAVRAS-CHAVE: Escola, História, Raça, Gênero, Ensino.

ABSTRACT: This article is an account of the experience of observation/regency in the classroom with students of the 1st and 2nd years of High School, in a public school located in Brasília - DF. The proposal is to verify if and in what ways subjects such as race and gender are approached in the school context, more specifically in History classes. The experience is part of the development of two projects, Project Mbopyau: Teaching Stories of the Possible and Project Sankofa: other glimpses about history in schools, developed by Professors Drs. Susane Rodrigues de Oliveira and Anderson Ribeiro Oliva, both coordinators of the Laboratory of History Teaching (LABEH) of the University of Brasília (UnB). The action-research method is used, aiming to problematize and transform historical knowledge from a decolonial, anti-racist and anti-sexist perspective.

KEYWORDS: School, History, Race, Gender, Education.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência ocorrido no estágio supervisionado do curso de licenciatura em História pela Universidade de Brasília



(UnB), no segundo semestre de 2017 no desenvolvimento de dois projetos: Projeto Mbopyau: ensinando histórias do possível e Projeto Sankofa: outros olhares sobre a história nas escolas. O primeiro, em guarani, significa “relembrar, deixar novo, renovar”, enquanto que o segundo, um provérbio *akan*, significa “voltar para trás e buscar o que aconteceu”. A partir de então, é proposta uma pesquisa-ação numa escola pública de ensino médio, com o objetivo de problematização e transformação dos saberes históricos a partir de uma perspectiva decolonial, antirracista e antissexista.

Tendo em vista que a escola, segundo Nilma Lino Gomes,

[...] não é um campo neutro onde, após entrarmos, os conflitos sociais e raciais permanecem do lado de fora. A escola é um espaço sócio-cultural onde convivem os conflitos e as contradições. O racismo, a discriminação racial e de gênero, que fazem parte da cultura e da estrutura da sociedade brasileira, estão presentes nas relações entre educadores/as e educandos/as. (GOMES, 1996, p. 69)

Sendo assim, a escolha de uma escola como campo de pesquisa se dá devido ao fato do ambiente escolar ser um reprodutor de informações, sentidos e valores, tanto por parte dos discentes quanto dos docentes.

Para efeitos de conceitos, utilizo aqui a conceituação de Kabengele Munanga para raça, segundo o qual o termo não se remete a uma ciência biológica, mas sim a uma realidade política e social, pautada em uma construção sociológica e nas relações de dominação e exclusão (MUNANGA, 2004, p. 22). Com relação a gênero, para Joann Scott,

Gênero é a organização social da diferença sexual percebida. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. (SCOTT, 1994, p. 13).



1. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A escola definida para a realização do projeto localiza-se em Brasília, no Distrito Federal. A escola possui:

- Uma sala de professores
- Uma sala de diretoria
- Uma sala de secretaria
- Um laboratório de ciências
- Uma sala de leitura
- Um laboratório de informática
- Dez salas de aula
- Uma cozinha
- Dois banheiros fora do prédio
- Dois banheiros dentro do prédio
- Um pátio coberto
- Uma área verde
- Uma quadra de esportes descoberta e uma coberta
- Dois banheiros adequados a alunos com mobilidade reduzida

Conversei com o professor de História do da escola (turno vespertino) pelo Facebook, pois já o conhecia e mantinha contato esporádico com o mesmo, onde combinamos uma reunião para conversarmos sobre o estágio que seria realizado. Na referida reunião, uma semana após a conversa na rede social, o professor mostrou-se bastante solícito quanto às minhas propostas e se dispôs a ajudar no que fosse possível. Entretanto, não obtive o mesmo entusiasmo do professor do turno matutino.

Segundo a direção escolar, o professor de História do turno matutino não aceita nenhum estagiário pois, para o mesmo, aceitar estagiários em sala de aula é uma perda de tempo e em nada acrescenta. Além dessa informação, a coordenação informou que este mesmo professor é extremamente tradicional, não aceita mudanças em sala de aula e, portanto, mesmo que ele me aceitasse como estagiária, ele não aceitaria que eu tocasse nos temas relacionados a raça e gênero, que era meu objetivo. Dias depois, quando realizei a observação de aulas, questionei os alunos sobre a “fama“ do professor



do matutino, e os mesmos confirmaram a forma tradicional, rígida e conservadora com a qual o referido não somente dá aulas, mas também quanto à forma com a qual trata as pessoas. Por esses motivos, decidi por não conhecer o professor do matutino.

Voltando à minha reunião com o professor do turno vespertino, o mesmo me informou que na escola como um todo é normal haverem atividades e projetos relacionados principalmente a raça, frisando que tais atividades geralmente acontecem em Novembro, mês da Consciência Negra, e que a escola preza pela diversidade, o que facilita o assunto gênero. Perguntei ao professor se, apesar dos projetos e das ações relacionadas a estes temas, ele percebe atitudes racistas ou de discriminação de gênero. O professor respondeu negativamente, no entanto afirmou que falta pautar certos assuntos como, por exemplo, as cotas raciais e a resistência negra nos Quilombos. Em seguida, o docente me apresentou problemas enfrentados com temas raciais por parte dos alunos, dos quais constam:

- Falta de informação;
- Falta de interesse com relação aos temas raciais; e
- Preconceito com os temas

Em seguida, ele falou sobre os problemas por parte da própria escola. São eles:

- A direção não dá suporte para que os professores falem sobre temas raciais e de gênero;
- Os professores não recebem orientações para falar sobre os temas;
- Os professores não possuem informações o suficiente sobre ações afirmativas;
- Preconceito por parte dos professores;
- Falta de material para falar sobre os assuntos.

Frente à problemática, o professor se propôs a estudar comigo uma maneira de iniciar algum tema relacionado a resistência negra nas aulas que eu fosse reger, me indicando tópicos como escravidão e quilombo, além de me aconselhar a dar aulas sobre as diversas formas de quilombos a partir da visão dos agentes que dele participaram, ou seja a visão dos escravizados, já que a História prioriza o olhar do colonizador. Mais ainda, a intenção do professor era, segundo o mesmo, desconstruir a imagem da



princesa Isabel como a redentora e salvadora dos negros e mostrar que os próprios escravizados sempre resistiram à escravidão, das mais variadas formas. Sendo assim, elaborei, junto com o outro estagiário, André, um plano de aula sobre Quilombos – resistência negra, e demos aula sobre o tema em questão.

1.1. OBSERVAÇÃO

Foram observadas turmas dos 1º e 2º anos do Ensino Médio, com alunos entre 15 e 18 anos.

1.1.1. O que foi observado

Durante as aulas, procurei observar se os temas raça e/ou gênero eram tratados. Observei que apesar das aulas se iniciarem às 13:30, a aula efetivamente se inicia por volta das 14:10, devido à demora com a realização da chamada e ao barulho dos alunos. Entretanto, o que poderia ser visto com maus olhos, ao meu ver esse tempo de espera entre as 13:30 e as 14:00 para começar a aula ajudou tanto para que o professor fizesse a chamada sem pressa, quanto auxiliou no fato de que os alunos chegavam exaltados à aula e nesse espaço de tempo vão conversando e acalmando os ânimos, até finalmente se centrarem na figura do professor. Logo, um tempo que pode ser visto como perdido, na verdade se torna um ganho, tendo em vista que após esse curto espaço de tempo o professor consegue dar a aula normalmente, sem interferência negativa e sem enrolações desnecessárias.

Percebi que, para arrebatam a atenção dos alunos, o professor se utilizava de piadas racistas e machistas extremamente naturalizadas, tanto por parte do docente como dos estudantes, e bem recebidas pelos alunos, que as repetem entre si. Os alunos riram das piadas e não perceberam o racismo e/ou o machismo impregnado. Logo percebi o quanto seria importante falar sobre a naturalização e necessidade de desnaturalização de falas carregadas de preconceitos de raça e de gênero.



1.1.2. Qual a aprendizagem com a atividade

Primeiro, foi um auto aprendizado no sentido de que, num primeiro momento, tive um pré-conceito relacionado à forma como os alunos pensavam. Na regência de aula, por exemplo, percebi que por vezes deixava transparecer meu descontentamento frente a algum comentário que me desagradava. Porém, no mesmo momento eu conseguia me corrigir no sentido de que percebia essa minha reação, então questionava mais o aluno para entender o ponto de vista dele, explanava o meu e aí sim, mesmo que não chegássemos a um acordo, me sentia satisfeita, pois me esforcei para entender os motivos de certas opiniões deles, bem como eles tentaram entender os meus, assim pude frear a minha atitude que era, de início, na defensiva.

Segundo, aprendi a respeitar mais o tempo do aluno. Como exemplo, o fato das aulas se iniciarem às 13:30, porém a aula iniciar efetivamente somente a partir das 14. Percebi que esse período entre o início das aulas e a efetiva regência contribui para que os alunos prestem mais atenção quando a aula se inicia. Claro que seria necessário diminuir esse tempo dentre o início e a efetiva aula, porém, de início, observei que é crucial que o professor em questão se utilize desse método, pois o mesmo consegue se organizar melhor dessa forma.

2. APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS

2.1. Como foi feita

Distribuí os questionários (ver anexo 1) em quatro turmas, sendo duas do 1º ano e duas do 2º, e deixei à escolha dos mesmos se responderiam ou não. Poucos alunos se interessaram em responder, e dos que se dispuseram, ainda que voluntariamente, muitos apresentaram preguiça e sequer devolveram o questionário, outros não sabiam responder a maioria das questões e se mostraram totalmente contra um questionário voltado para raça. Alguns não responderam todas as questões, outros responderam levando na brincadeira. Resumindo, poucos alunos levaram a sério o questionário e a temática proposta. Outro questionário foi entregue para o professor da escola (ver anexo 2). No total, 23 alunos responderam ao questionário, além do professor da matéria.

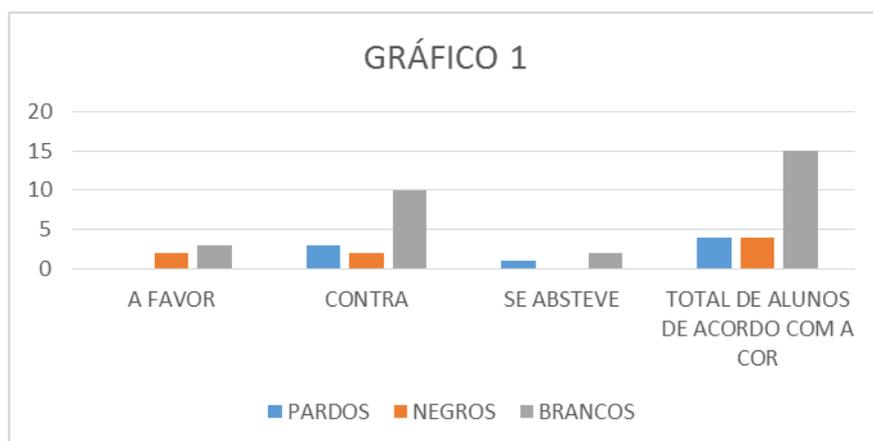


Diante do exposto, identifiquei uma série de problemas que contribuíam para o que foi observado:

- Preguiça tanto por parte dos alunos quanto do professor
- Descaso sobre o tema
- Resistência ao tema
- Preconceito
- Racismo

2.2. Apresentação dos dados e informações obtidos

A partir do questionário dos alunos, percebem-se grandes problemáticas que devem ser trabalhadas. Dos 23 alunos que responderam, 4 se declararam pardos, 4 negros e 15 brancos. A última pergunta, relacionada às cotas raciais, os dados mostram que: de 4 pessoas autodeclaradas pardas, 3 são contra cota racial e 1 se absteve de resposta; De 4 negros, 2 foram a favor e 2 contra; e de 15 brancos, 3 votaram a favor das cotas raciais, 10 foram contra e 2 não responderam à questão. O argumento usado de forma unânime para os casos contra a ação afirmativa foi o de que somos todos iguais e por esse motivo as cotas são injustas. Já aqueles que votaram a favor, 5 no total, argumentaram que as cotas são necessárias devido ao racismo existente no Brasil.



Grande parte destes respondeu que ser negro é ter mais melanina na pele e a palavra “escravidão” e “miséria” apareceram em 90% dos questionários na pergunta “O que significa ser negro para você?”. Na pergunta sobre o que eles estudam relacionado



à história dos afrodescendentes, todos responderam que estudaram sobre escravidão e apartheid, ambos no ambiente escolar.

A pergunta nº 11 do questionário trouxe diversos fatores que precisam urgentemente ser discutidos em sala de aula. Relacionada às características que remetem a África, os mais marcados foram: fome e miséria, escravos e tráfico de escravos, guerras, conflitos e massacres. 14 alunos marcaram a opção fome e miséria, 11 alunos marcaram escravos e tráfico de escravos, 8 marcaram guerras, conflitos e massacres.



2.2.1. Resposta das questões

Muitos responderam o questionário seguindo o senso comum e me perguntei o motivo de isso acontecer mesmo em uma escola conhecida por ter diversos projetos relacionados a raça. Além do questionário, fiz perguntas orais aos alunos, foram elas:

1 – Há algum negro no convívio cotidiano de vocês que possui um cargo de poder?

2 – Na escola, quantos professores negros vocês têm?

As respostas para ambas as perguntas foram unânimes. Para a primeira pergunta, todos responderam que não conhecem nenhum negro em cargo de poder, bem como na segunda pergunta responderam que na escola inteira não tem sequer um professor negro, que a única pessoa negra que tem é a merendeira.



2.2.2. *Análise de dados.*

Diante das respostas, me questionei o motivo deles terem respondido que somos todos iguais no questionário, mesmo eles percebendo que não conhecem nenhuma pessoa negra em um cargo de poder.

Acrescenta-se a tudo isso o fato de terem respondido somente coisas negativas relacionadas a África. Notei que eles têm pouco ou quase nenhum conhecimento sobre o continente africano, e por esse motivo só marcaram coisas ruins. Os alunos brancos responderam ainda que acham que hoje os negros têm muitos direitos e por isso não precisam de cotas raciais. Com isso, vi o quanto é difícil para esses alunos saírem do seu lugar de individual para perceber o racismo que eles mesmos cometem, inclusive dentro da sala de aula, como foi observado na fase de observação de aulas. Enumerando podemos ver quantas necessidades foram encontradas:

- Aprender sobre auto identidade
- Aprender sobre o continente africano
- Aprender sobre conceito de racismo
- Aprender sobre ações afirmativas
- Se distanciarem do lugar de indivíduos ao qual estão inseridos e se projetarem enquanto estrutura coletiva

O questionário direcionado e respondido pelo professor (ver anexo 2) levantam questionamentos e me permitiu elaborar duas hipóteses. No questionário, o professor responde que, apesar de ter interesse em aprender mais sobre assuntos relacionados a raça, sua formação acadêmica foi insuficiente quanto a este assunto. O professor diz que os licenciados não são ensinados sobre o tema e que isso faz com que não abordem o assunto em sala de aula. Acrescenta-se a isso o fato de que os livros didáticos não trazem conteúdo que abarque a história dos afrodescendentes de forma suficiente, o que deixa o ensino deficiente e persistentemente eurocêntrico.

2.3. *Qual foi a aprendizagem com a atividade*

Percebi que devido à falta de conhecimento e de incentivo desde a formação acadêmica, o professor não possui suporte suficiente para falar sobre temas relacionados



à raça. Outro fator que colabora para a propagação de ideias de senso comum são as piadas imbuídas de racismo, porém naturalizadas. Como citado no início deste trabalho, o professor diversas vezes faz piadas racistas em forma de “brincadeira”, as quais os alunos repetem um para os outros e reproduzem ainda mais fora dos muros escolares.

Soma-se a esses fatores o fato da maioria dos alunos serem brancos. Por se tratar de uma escola no centro de Brasília, o colégio possui uma maioria branca no seu quadro de estudantes e a unanimidade de professores também brancos. Isso quer dizer que os alunos, por serem brancos, não é de se surpreender que sejam apáticos ou contra as cotas raciais, já que estas não lhes dizem respeito.

Tudo isso me incitou a me esforçar mais para aprender e absorver todo conhecimento possível não apenas sobre África e história dos afrodescendentes, mas também sobre todos os atores que foram excluídos do currículo de História, como as mulheres. Apesar dos pontos negativos observados, me vi diante de alunos que apesar de não saberem nada sobre o assunto proposto, se dispuseram a me escutar, a debater, entender e aprender, me mostrando que, se o professor tiver esse conhecimento e quiser passá-lo, os alunos estarão dispostos a absorvê-lo. É um exercício de mão dupla, onde o professor precisa se atualizar quanto a esses assuntos e os alunos precisam aprender sobre, para assim desconstruir a História eurocêntrica, branca e masculina e, desta forma, desnaturalizar e desconstruir visões racistas e machistas que foram apreendidas pela sociedade, ainda que de forma inconsciente.

2.3. *Plano de Intervenção*

Como plano de intervenção para uma prática antirracista e antissexista em sala de aula, foi elaborada uma aula sobre o Quilombo dos Palmares e suas particularidades, obedecendo ao disposto na Lei nº 10.639/2003, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas e à Lei nº 12.288/2010, que institui o Estatuto da Igualdade Racial. Segue o plano de aula organizado em conjunto com o outro estagiário, também da área de História:



I. Plano de Aula: Data: 5 a 9 de junho de 2017

II. Dados de Identificação:

Escola pública em Brasília - DF

Professor (a): Anônimo

Professor (a) estagiário (a): André Spindola Fontenele Alves e Vilma de Souza Lopes

Disciplina: História

Série: 1º e 2º anos do ensino médio

Período: Vespertino

III. Tema:

- **Resistência negra na escravidão, comunidades quilombolas e política de afirmação racial.**

- conceito fundamental: A comunidade negra é um dos pilares principais da sociedade brasileira e é marginalizada ainda hoje, 119 anos após a abolição da escravatura. Os alunos, através do questionário aplicado, apresentaram dificuldades em compreender símbolos da resistência negra, como o 20 de novembro, desconhecimento da lei de afirmação racial e os direitos que ela atribui. Assim, após a aula, espera-se que os alunos conheçam melhor a história de resistência da população negra ao longo da história nacional, e seus direitos acerca da lei de igualdade racial.

IV. Objetivo geral:

- Reconhecer a importância e existência de comunidades negras que resistiam à escravidão e seus descendentes, que ainda estão em suas terras históricas.

Objetivos específicos:

- Reconhecer os símbolos da resistência negra ao longo da História nacional
- Mostrar os locais remanescentes dessa resistência no DF e região do entorno
- Identificar os direitos acerca das políticas de afirmação racial

V. Conteúdo:

- Quilombos do Brasil Colônia e Império
- Palmares e Zumbi dos Palmares
- Comunidades Quilombolas remanescentes no DF e entorno
- Políticas afirmativas de acesso à universidade



VI. Desenvolvimento do tema: Fazer um breve comentário sobre como os negros escravizados chegaram ao Brasil, para em seguida focar nas formas de resistência desses povos. Explanar sobre a violência a que eles estavam submetidos, sobre o tronco, os castigos diversos, as injustiças e a constante submissão a que eram obrigados a se inserirem. Em seguida, perguntar aos alunos a opinião deles sobre como pensam que os escravizados reagiam, para então falar sobre as diversas formas de resistência e de sobrevivência dos negros escravizados, até chegar ao Quilombo. Explicar o que era o Quilombo, atentando-se para o fato que Quilombo não era apenas uma demarcação de terra de negros fugitivos, mas sim um processo de constante resistência. Apresentar o Quilombo dos Palmares, Ganga Zumba, Zumbi e Dandara, reforçando que apesar de serem os líderes, todos os negros participaram e contribuíram no processo de libertação. Trazendo para a contemporaneidade, falar sobre os quilombos atuais e suas formas de resistência, sobre como e se a lei os abarca e garante seus direitos. Ao final, apontar para a falsa abolição do dia 13 de Maio e sobre como não representa os negros escravizados, pois por trás da assinatura da princesa Isabel havia todo um jogo político, além de que ela simplesmente assinou a Lei áurea sem garantir nenhum direito ou nenhuma forma de sobrevivência. Apontar para o fato de que o dia 20 de novembro é que é verdadeiramente uma data de reflexão, pois apesar de séculos após o fim da escravidão, os povos negros continuam sistematicamente tratados com racismo, à margem da sociedade. Por fim, conceituar as ações afirmativas como mais uma forma de resistência e explicar o motivo de ter que haver ação afirmativa para os negros.

VII. Recursos didáticos: Quadro-negro, exercícios retirados de vestibulares, mapa dos quilombos ao longo da história, Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010 e Lei nº 10.639 de janeiro de 2003.

VIII. Avaliação: Elaboração de um texto sobre o motivo de existir o Dia da Consciência Negra.

XIX. Bibliografia básica:

As resistências dos Quilombos no Brasil, disponível em: <<http://www.geledes.org.br/plano-de-aula-zumbi-dos-palmares-e-resistencia-negra/#gs.3Ilnh4M>> Acesso em 01/06/2020.

Lei nº 12.288, de 20 de Julho de 2010, disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm> Acesso em 01/06/2020.

Lei nº 10.639 de janeiro de 2013, disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm> Acesso em 01/06/2020.

Mapa dos Quilombos e Geografia da Resistência, disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cidadania/2012/11/mapa-dos-quilombos-a-geografia-da-resistencia>> Acesso em 01/06/2020.



CONCLUSÕES

A proposta do estágio foi muito importante para a minha formação acadêmica, principalmente por ter tido como tema central a questão racial. Particularmente, pretendo trabalhar com questões relacionadas a raça e gênero, portanto a experiência foi totalmente válida e produtiva. Descobri que os mesmos problemas que eu enfrentava na minha época de escola, como a falta de conteúdo sobre raça e gênero, continuam ainda hoje, mas sempre houveram e ainda há pessoas engajadas em mudar essa realidade dentro do ambiente escolar.

Me surpreendi com a escola escolhida, pois logo de primeira eles incorporaram meus temas propostos, ao contrário de muitos colegas que demoraram a conseguir uma escola que aceitasse que se falasse de raça e gênero. Uma surpresa que me deixou otimista quanto à educação escolar, mas que me deixou desapontada ao entrar em sala de aula e perceber que mesmo com tantos projetos, o racismo e o machismo são naturalizados por todas as partes. Outro problema impossível de deixar de ser mencionado é o quanto a formação do professor é deficiente quanto a temas relacionados a raça e gênero. O próprio professor disse que nunca estudou nada relacionado em sua formação.

Apesar de todos os problemas encontrados e de no primeiro momento pensar que os alunos não se interessariam, tudo deu certo na regência de aula e a maioria dos alunos participou. Colocaram suas dúvidas e suas indagações e me permitiram desconstruir as ideias individualistas que eles tinham e pensar em toda uma coletividade negra que tem sua história apagada desde sempre. Foi gratificante ensinar o que sei e também aprender com os alunos, que me ensinaram a ouvir e a argumentar sem que fosse necessário eu me impor.

**REFERÊNCIAS**

GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **Cadernos Pagu**, n. 6/7, p. 67-82, 1996. Disponível em:<
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1862/1983>>
Acesso em 01 de jun. 2020

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos Penesb, v. 5, p. 15-34, 2004. Disponível em:<<http://www.uff.br/penesb/images/publicacoes/Penesb%20-%20Texto%20Kabenguele%20Munanga.pdf>> Acesso em 01 de jun. 2020

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses**. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. Disponível em:<<https://teoriografia.files.wordpress.com/2015/04/gc3aanero-joan-scott.pdf>> Acesso em 01 de jun. 2020



QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES

1. Como você se identifica?
 branco indígena
 negro Outros.
2. O que significa ser “negro” para você?
3. Cite 3 palavras que você associa aos negros?
4. O que o Dia da Consciência Negra significa para você?
5. Onde você obteve informações sobre a história dos negros no Brasil? Pode assinalar mais de uma alternativa.
 TV
 cinema livros
 jornais e revistas internet
 jogos
 escola rádio
 música museus teatro
 Outros. Qual(is)?
6. Nas aulas de história, quais são os temas ou fatos históricos mais relacionados aos negros?
7. Como você avalia a história dos negros no seu livro didático?
 Excelente Boa Regular Ruim
8. Com que frequência você participa de atividades escolares que envolvem temas relacionados ao racismo e cultura afro-brasileira?
 Sempre Raramente Nunca
9. Você já estudou algo sobre a história da África?
 Não Sim. Onde?
10. Escolha das características ou referências listadas abaixo aquelas que você acredita pertencer à história da África (escolha 5):
 Grandes Reinos, Impérios E Civilizações Fome e Miséria
 Guerras, Conflitos e Massacres Grandes Centros Urbanos
 Aids e Tragédias



- () Populações Brancas
- () Populações Negras
- () Egito, Meroé, Kush
- () Escravos e Tráficos de Escravos () Candomblé, Capoeira e Samba
11. Como você avalia a abordagem da história da África no seu livro didático?
- () Excelente () Boa () Regular () Ruim
12. Com que frequência você participa de atividades escolares que envolvem temas relacionados ao ensino de história da África?
- () Sempre () Raramente () Nunca
13. Você acha que existem preconceitos e discriminações contra os negros em nossa sociedade?
- () Não () Sim Justifique sua resposta:
14. O que é racismo?
15. Você já sofreu ou presenciou algum caso de racismo? Descreva a situação.
16. Você sabia que no Distrito Federal vivem povos quilombolas?
- () Não () Sim
- Se você respondeu que sim, diga-nos como você ficou sabendo da existência deles no DF?
17. Você já estudou algo sobre a história dos negros no Distrito Federal?
- () Sim () Não
18. Você considera importante estudar a história dos negros no Distrito Federal?
- () Sim () Não
- Por que?
19. Você conhece as políticas afirmativas para negros no Brasil? Quais?
- () Sim () Não
20. Você concorda com a reserva de vagas para negros nas Universidades e concursos Federais?
- () Sim () Não
- Por que?

MUITO OBRIGADO POR COLABORAR COM NOSSA PESQUISA!



QUESTIONÁRIO PARA OS/AS PROFESSORES/AS DE HISTÓRIA

1. Como você se identifica?
() branco () indígena
() negro () Outros.
2. Formação
() Ensino Médio completo (com magistério)
() Curso de Graduação () em andamento () completo () Pós-Graduação (especialização)
() Mestrado () Doutorado
3. Tempo de serviço como professor/a:
() até 1 ano () de 1 a 5 anos () de 5 a 10 anos () mais de 10 anos
4. Turmas, anos ou séries em que leciona:
5. Tem algum interesse em História das mulheres, estudos feministas ou de gênero?
() Sim () Não
6. Tem algum interesse em História da África?
() Sim () Não
7. Tem algum interesse em História Afro-brasileira?
() Sim () Não
8. Já fez algum curso relacionado à temática afro-brasileira e africana?
() Não () Sim. Qual(is)?
9. Já fez algum curso relacionado à educação para as relações étnico-raciais ou educação das relações de Gênero?
() Não () Sim. Qual(is)?
10. Você participa de seminários, palestras, projetos, formação continuada ou grupo de estudos que tratam de temáticas referentes à história das mulheres, afro-brasileira ou africana?
() Sim () Não



11. Como você avalia sua formação acadêmica para tratar da história das mulheres em sala de aula?
- Ótima Boa Regular Insuficiente
12. Como você avalia sua formação acadêmica para tratar da história afro-brasileira em sala de aula?
- Ótima Boa Regular Insuficiente
13. Como você avalia sua formação acadêmica para tratar da história da África em sala de aula?
- Ótima Boa Regular Insuficiente
14. Conhece a lei 10.639/2003 que institui a obrigatoriedade do ensino de história da África dos afro-brasileiros as escolas brasileiras?
- Não Sim. Como ficou sabendo?
15. Qual a sua opinião sobre a lei 10.639/2003?
16. Como você entende a proposta de reconhecimento e respeito à diversidade étnico-cultural por meio do ensino de história?
17. Existe algum material sobre os povos afro-brasileiros na Biblioteca da sua escola?
- Não Sim. Qual(is)?
18. No Dia da Consciência Negra a sua escola costuma fazer atividades pedagógicas?
- Não Sim. Qual(is)?
19. No dia da Abolição da Escravatura no Brasil a sua escola costuma fazer atividades pedagógicas?
- Não Sim. Qual(is)?
20. Você já percebeu algum indício de racismo nos livros didáticos usados na sua escola?
- Não Sim. De que forma?
21. Você já percebeu algum indício de sexismo/machismo nos livros didáticos usados na sua escola?
- Não Sim. De que forma?
22. Você já percebeu a presença de racismo nas relações entre alunos e professores na sua escola?



Não Sim. De que forma?

23. Você já percebeu a presença de sexismo/machismo nas relações entre alunos e professores na sua escola?

Não Sim. De que forma?

24. Com que frequência você costuma abordar a história das mulheres em suas aulas?

Sempre Às vezes Nunca

25. Com que frequência você costuma abordar a história afro-brasileira em suas aulas?

Sempre Às vezes Nunca

26. Com que frequência você costuma abordar a história da África em suas aulas?

Sempre Às vezes Nunca

27. Quando se trata de história das mulheres, quais são os temas mais comuns trabalhados em sala de aula?

28. Quando se trata de história afro-brasileira, quais são os temas mais comuns trabalhados em sala de aula?

29. Quando se trata de história da África, quais são os temas mais comuns trabalhados em sala de aula?

30. No planejamento de suas aulas sobre a temática dos estudos de gênero e sobre a temática afro-brasileira você busca conhecimentos/informações em que tipo de fontes?

Livros didáticos Internet

Livros ou artigos acadêmicos Televisão

Documentários e filmes Revistas e jornais

Bibliotecas

Museus ou arquivos de pesquisa

Outros. Qual(is)?

31. A história das mulheres no Distrito Federal integra o currículo da sua escola?

Não

Sim. De que forma?

32. A história afro-brasileira no Distrito Federal integra o currículo da sua escola?

Não

Sim. De que forma?



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

33. Você tem algum conhecimento sobre a história dos afro-brasileiros no Distrito Federal?

Não

Sim. Como você obteve estes conhecimentos?

34. Como você avalia a presença da história das mulheres nos livros didáticos de história?

Excelente Boa Regular Ruim. Justifique sua resposta:

35. Como você avalia a presença da história afro-brasileira nos livros didáticos de história?

Excelente Boa Regular Ruim. Justifique sua resposta:

36. Como você avalia a presença da história da África nos livros didáticos de história?

Excelente Boa Regular Ruim. Justifique sua resposta:

37. Na sua opinião, o ensino de história pode colaborar na redução do racismo em nossa sociedade?

Não

Parcialmente Sim

MUITO OBRIGADO POR COLABORAR COM NOSSA PESQUISA!

Recebido: 7/7/2020. Aceito:20/7/2020.

Autora:

Vilma de Souza Lopes. Historiadora formada pela Universidade de Brasília (UnB) e professora temporária de História pela Secretaria de Educação do Distrito Federal. Além da sala de aula, atua em movimentos sociais relacionados a raça e gênero e se declara feminista negra. Também atua em palestras e rodas de conversa, com temas relacionados a raça, gênero e educação, numa prática humanista, antirracista e antissexista.

Contato: vi.souzaunb@gmail.com